

O RECURSO ANTITÉTICO NO LIVRO II DA OBRA *DE GESTIS MENDI DE SAA*

Vanessa de Souza Peres.
Mestranda em Letras Clássicas, UFRJ
Vanessa.speres@hotmail.com

RESUMO

Em sua obra *De gestis Mendi de Saa*, Anchieta adequou os seus pensamentos e tratou de uma visão que não pertencia à época romana aos moldes clássicos. Nesta obra, Anchieta constrói, principalmente, um jogo entre dois campos semânticos para caracterizar o inimigo e os cristãos, sendo o primeiro negativo e o segundo positivo o qual permeia toda a obra. Este trabalho possui o objetivo de tecer comentários a respeito desta antítese criada pelo poeta utilizando-se para este fim o livro II.

Palavras-chave: 1.EPOPEIA 2. RENASCENÇA-3.ANTÍTESE

O RECURSO ANTITÉTICO NO LIVRO II DA OBRA *DE GESTIS MENDI DE SAA*

José de Anchieta, ao escrever *De Gestis Mendi de Saa*, é fiel aos ideais do Renascimento, na medida em que procurou retomar os valores estéticos do período clássico. Ao analisar esta obra, pode-se dizer que se trata de uma epopeia histórico-legendária, pois há a presença de fatos históricos, como por exemplo, as lutas travadas pelo governador Mém de Sá contra os franceses e os tamoios em sua tentativa de expulsá-los da terra brasileira.

No entanto, esta narrativa não mostra apenas fatos como apresentaria um historiador como nas epopeias de caráter exclusivamente histórico. O elemento maravilhoso participa também da narrativa, porque faz parte das crenças do próprio poeta.

Assim, embora Anchieta escreva de acordo com os padrões das epopeias clássicas, o que mais chamou a atenção nesta obra foi o modo como adequou os seus pensamentos e tratou de uma visão que não pertencia à época romana aos moldes clássicos. Anchieta constrói, principalmente, um jogo entre dois campos semânticos para caracterizar o inimigo e os cristãos, sendo o primeiro negativo e o segundo positivo o qual permeia toda a obra. Sendo assim, este trabalho tem o objetivo de tecer comentários a respeito desta antítese criada pelo poeta utilizando-se para este fim o livro II.

Para compreender melhor os recursos antitéticos que serão mostrados, é necessário ter em mente alguns conceitos a respeito da visão de mundo relacionada ao cristianismo que permeará e ajudará a realizar o trabalho proposto.

Segundo Coutinho¹ (2010), na obra *A Natureza do Bem* de Agostinho há um questionamento a respeito das teses maniqueístas, a qual consiste em dizer que a natureza humana seria constituída de dois Princípios antagônicos que rivalizam entre si, sendo eles o Bem e o Mal, ou ainda, a Luz e as Trevas. O Bem, sempre passivo, era “invadido” pelo Mal que se lhe antepunha.

Para Agostinho, esta concepção ontológica e cosmológica maniqueísta não conferiria a Deus o estatuto de Ser Supremo, Criador de todas as coisas e acima do qual não existiria nada maior, conforme preconiza o Cristianismo.

Exposta a ideia maniqueísta de mundo e a concepção de Agostinho, pode-se perceber que o primeiro jogo antagônico que pode ser observado no livro II consiste em uma oposição entre o inimigo, que é caracterizado pela sua crueldade e ira, e os cristãos, que são caracterizados por sua santidade.

Para que o trabalho não se estenda muito, mas tenha um *corpus* considerável achou-se conveniente, neste primeiro momento, apenas fazer um levantamento dos vocábulos que aparecem nos primeiros versos do livro II os quais demonstram esses dois campos antagônicos criados pelo poeta.

Assim, relacionados ao inimigo, nesse momento representado pelo índio, têm-se: *Crudelia, indomitam gentem, barbarus hostis, iram, lupi, feras, crimina* e, do lado oposto, referindo-se aos cristãos: *Sancta, agnos, oues, dextra*.

É interessante notar que nesta construção de dois polos, um negativo e um positivo, respectivamente, pra ambos os lados aparecem figuras animais que remetem às fábulas, enquanto o *lupus*², na maioria das vezes, representa a crueldade; o *agnus*³ representa aquele que é frágil, construção esta utilizada por Anchieta para enfatizar o poder do “inimigo” em *De gestis*.

Em relação a esta imagem, há uma espécie de caracterização reversa no momento em que o líder Cururupeba (*buffo planus*) é capturado nos versos 898-900. Neste momento, Anchieta faz uso de duas

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará.

² Verso 832.

³ Verso 833.

representações animais para descrever novamente os índios e os cristãos. Têm-se *Columbam* e *accipiter*, respectivamente.

Esta passagem ressalta a ideia de que os índios, como animais seguidores do mais forte, ficaram acuados quando seu líder foi capturado, enaltecendo a supremacia dos cristãos. Anchieta poderia ter usado a imagem dos lobos e cordeiros como no excerto anterior para a realização da imagem que demonstra a superioridade do cristão, mas este jamais seria representado como se fosse lobo, pois a concepção cristã jamais o permitiria, já que o lobo seria a representação do mal. Todavia, para que haja um mal, é necessário que haja privação; portanto, é necessário que haja uma coisa privada. Ora, enquanto tal, essa coisa é boa e somente enquanto privada é má⁴. Assim, o cristão não seria representado pela figura do lobo mesmo que fosse o mais forte, porque ele não é privado da luz divina e, na nossa concepção, há uma razão maior para que esta imagem se apresente com estas duas figuras *columbam* e *accipiter*.

Segundo Ferber (1999), a pomba foi considerada o pássaro ligado ao amor nos registros que possuímos, como por exemplo, a ave da Afrodite grega e da Vênus romana. Ligadas a ela estão as noções de gentileza, inocência, timidez e paz. No entanto, as primeiras referências a Afrodite não dizem nada sobre as pombas, na verdade as aves que acompanham a deusa eram os pardais. As pombas foram associadas aos locais de culto a Afrodite com o passar do tempo. Há representações na literatura clássica com a figura da pomba: por exemplo, uma pomba que foge de um falcão em *Argonautas* de Apolônio de Rhodes, na literatura grega. Na literatura latina, Eneias sabe que estes pássaros são de sua mãe Vênus. Quando é nomeada em Homero, a pomba é geralmente acompanhada pelo epíteto “medo”. Ela é também associada ao falcão, gavião, ave de rapina. Quando Heitor perde a coragem e foge de Aquiles, em *Andrômaca*, de Eurípides, os troianos viram as costas em fuga como pombas vendo um falcão. Além disso, é a pomba que vai simbolizar o Espírito Santo, a terceira pessoa da trindade. No entanto, não é este último significado o empregado aqui. Quanto ao falcão, gavião, ave de rapina quase não há diferenças entre falcão e gavião, na literatura. Homero disse uma vez que este seria o mensageiro de Apolo, Vergílio lhe empregou a ideia de sagrado. Quando Aquiles começa a sua busca por Heitor, Homero o compara a um falcão e a presa típica do falcão é a pomba. Assim, como um bom seguidor da cultura clássica, Anchieta resgatou imagens clássicas para descrever a relação de medo entre os indígenas e os cristãos no momento supracitado.

A seguir, para dar continuidade ao trabalho com clareza, faz-se necessário a demonstração de excertos, lembrando que a nossa tradução foi deixada sem estrofes e em versos livres, uma vez que sua intenção é apenas guiar o leitor na compreensão do texto, sem nenhuma pretensão de expressar qualquer forma poética.

Texto original: v.v 950-968

*“Magne gubernator, cui felicissimus orae
Australis rex Ioannes commisit habenas;
Numinis aeterni auspicio, tibi tradita nostri
Cura fuit, cunctos tranquilla ut pace gubernes,
Inuigilesque omni communi ex parte saluti
Turbine composito bellorum. Qualia iura,
Quasue paras leges crudeli imponere genti?
Bella uetas indis? qua tandem pace fruemus
Assiduo inter se certent nisi Marte, cruentos
Explentes animos? Quanam ratione quod optas
Posse putas fieri? Carnes dediscat amare
Barbarus humanas? Laniatu uiuere tigris
Desinat; aut uitulos saeui lacerare leones,
Innocuasue lupi pecudes? Prius aequare in alto
Desierit uastum balena replere barathrum
Piscibus; in uacuo timidas prius aere Nisus
Cesset aues raptare audax; leporesue uolatu
Tollere, summa petens, pedibus Iouis Armiger uncis:
Quam gens humanas Brasillica mandere carnes!*

Tradução:

⁴ COUTINHO, G. N. *O Livre arbítrio e o Problema Mal em Santo Agostinho*, 2010.

Ó grande governador, a quem Dom João, felicíssimo rei, entregou as rédeas do litoral austral; pela vontade do eterno poder divino, a ti foi confiado o nosso cuidado, para que tu pudesses governar a todos com uma serena paz, e se dedicasse à vigília do bom estado geral de toda parte, tranquilizada a perturbação das guerras.

Que tipo de justiça ou que leis tu intentas impor à cruel gente? Proíbes as guerras aos índios? Por fim, de que paz usufruiremos se não combaterem entre si por causa do assíduo Marte, aqueles que fartam os sangrentos espíritos?

Com efeito, de que modo tu escolhes poder fazer o que tu pensas? Que o bárbaro desaprenda a amar carnes humanas? Que o tigre cesse de viver dilacerando; ou que os ferozes leões cessem de dilacerar os novilhos, ou os lobos as inofensivas ovelhas?

Antes deixaria a baleia de preencher o vasto estômago com peixes no alto mar; Antes o audacioso gavião cessaria de arrebatar fracas aves no aberto céu; ou a águia de Júpiter com as garras encurvadas dirigindo-se para o alto, levantar as lebres no seu vôo do que a gente brasileira (deixar) de devorar carnes humanas.

Análise:

Este excerto consiste em uma súplica dos habitantes para o governador Men de Sá. Logo, para indicar isso, o trecho se inicia com um vocativo *magne gubernator*, o qual enfatiza a soberania do representante citado através do adjetivo *magnus*, -a, -um e também o respeito por este através do seu cargo enunciado *gubernator*. A seguir, é demonstrada toda a tradição épica de não apresentar alguém com apenas o primeiro nome. Como a ascendência de Men Sá já foi enunciada ao longo da narrativa, agora a enunciação se faz necessária partindo do conhecimento de quem enviou Men de Sá, para onde lhe enviaram e a sua missão. No entanto, essas informações não são expressas com imparcialidade pelo povo, é importante explicitar a importância da atribuição dos adjetivos. Quem enviou Men de Sá não foi apenas Dom João, que segundo aqueles que falam foi uma acertada decisão expressa pelo adjetivo *felix*, -cis no grau superlativo *felicissimus*, o governador foi enviado para aquelas terras segundo a vontade divina, sendo a sua localização *orae australis* e a sua missão *nostris cura*, ou seja, o governador foi enviado para estas terras do sul para ajudar o povo que ali habitava.

Também está expresso que Men de Sá só pode executar o seu dever de governar, porque antes acabara com a guerra. Atente-se à diferença semântica dos vocábulos ligados ao governador *magne, felicissimus, tranquila, pace, salute* e àquilo que lhe é oposto *bellorum turbine*. No primeiro caso, têm-se adjetivos que pertenceriam a uma esfera daquilo que é positivo, enquanto que a guerra é pintada como algo que é negativo, que traz preocupações impedindo a sonhada paz.

O apelo feito pelos habitantes é de suma importância para a narrativa porque eles não acreditam na suposta mudança do comportamento do “inimigo”, fato este que ajudará a aumentar ainda mais a vitória que virá, pois mostrará o poder divino.

O povo indígena descrito aparece caracterizado primeiramente pelo adjetivo de segunda classe *crudelis*, -e o que representa um estado de espírito intrínseco a natureza dos mesmos, visto que a crueldade foi passada de geração para geração ao longo dos tempos. Logo, há a descrição do porquê de tamanha crueldade. Segundo os habitantes, os índios vivem para lutar, seria impossível para eles aniquilar este hábito, o desejo de guerrear. Essa oposição fica mais clara nos versos a seguir, representada pelo jogo feito entre *pace* e *Marte* e reforçado pelos *animos cruentos*. Com efeito, o problema do mal reside na medida do amor com que o homem se dirige às coisas criadas e a si mesmo, está na proporção com que os ama, a paixão dos índios pela guerra.

Pode-se notar que o índio (inimigo) é descrito através de termos que derivam do campo semântico de bárbaro. Se para os romanos este vocábulo designava aqueles que não compartilhavam os mesmos elementos culturais deles, começando pela língua; para a referência cultural cristã, ele designava mais particularmente o pagão. Em qualquer dos ambientes, porém, este termo designava aquele que não era civilizado e, por extensão, não humano ou animal. Esta animalidade, no entanto, era sempre encarada como predatória, e, por isso, vista como ameaçadora e necessariamente passível de ser destruída. A animalidade dos indígenas é tão forte para aquele que os observa que os versos seguintes se utilizam de representações animais para descrevê-los. Os índios são descritos como animais que foram muito usados por autores fabulistas tais como *tigres, leones, lupi* por apresentarem um caráter predatório, enquanto que os cristãos são apresentados em *De Gestis* segundo os animais que eram tipicamente as suas presas *uitulos, pecudes*.

É interessante explicitar a força do verbo ligado aos índios nesses versos *lacero, -as, -are, -aui, -atu*. Este caráter é tão próprio dos índios que não há esperança de mudança, pois seria mais fácil os animais que agem por sua natureza como *balena, nesus, armiger* deixarem de se alimentar com suas respectivas presas do que os índios deixarem este comportamento animalesco de querer devorar carne humana, ou

seja, é impossível para esses índios, aos olhos dos habitantes, abandonarem seus hábitos porque tudo o que foi dito pertenceria a sua natureza.
vv.987-988

(...) *Tranquilo animo uultuque sereno,
Pauca refert: "uuuit caeli qui condidit orbis
"Et terram pontumque Deus(...)*

(...) com o espírito tranquilo e o semblante sereno,
Responde poucas palavras: vive no céu o deus que criou céus, terra e mar (...)

Ao contrário do campo semântico construído pelo poeta para designar aqueles que são alheios à doutrina cristã, Mem de Sá é sempre descrito positivamente. É interessante lembrar, de um modo geral, como este é apresentado ao leitor no primeiro livro da obra: Após enfrentar os perigos do mar, chega às terras brasílicas um singular herói de físico forte e de extraordinária coragem; de sangue nobre e seiva ilustre acrescido do caráter, da beleza da alma e do amor e fé em Deus. Assim, tem-se um herói épico construído nos moldes ideais do cristianismo.

Já no livro I, ao descrever as terras brasílicas e a chegada dos portugueses, se podem perceber dois campos semânticos que ficarão em evidência ao longo da narrativa: o divino e o demoníaco, anunciando e justificando, então, a luta que será travada entre os “soldados de cristo e o demônio”.

No excerto supracitado, quis-se chamar a atenção para o verbo escolhido pelo autor *condo, -is, -ere, concidi, conditum* o qual exemplifica toda essa esfera positiva acerca dos portugueses. Ao lado dos indígenas que, por não possuírem o saber, são colocados em um canto escuro dos homens, ou seja, o mais próximo possível da natureza, local ainda pouco iluminado pela luz do saber e a eles é atribuída a ideia da destruição advinda da guerra, tem-se Deus, do outro lado, como criador das coisas através do verbo *condo*. Se o indígena é relegado à condição de um ser ainda não iluminado pelo saber, pela palavra, caberia aos jesuítas esta dura missão.

Atente-se para os adjetivos atribuídos ao governador *tranquilo, sereno*. As ações de Mem de Sá ao longo da epopeia demonstram como objetivo a glorificação de Deus e o estabelecimento do reinado de Cristo, por isso, como visto nesse pequeno fragmento, ele não possui medo dos “inimigos”, mediante a sua fé ele se coloca sempre sob a proteção divina através de preces e dedicatórias, e, também em alguns momentos, vemos a intervenção direta de Deus a seu favor.

vv. 1007-1008

*Cum ferus humanis assuescere moribus Indus
Coepit, et aeterno cognoscere numina Patris!*

Quando o feroz índio começou a se acostumar com os costumes humanos e a conhecer a grandeza eterna do pai!

Este excerto chama a atenção para o verbo *coepi, -isti, coepisse, coeptum* utilizado por Anchieta para mostrar a mudança ocorrida depois da vinda dos portugueses para as terras brasileiras. Aqui, há uma espécie de resumo na caracterização do indígena. Como Anchieta quis ressaltar o caráter animalesco dessa nova gente, o adjetivo *ferus* aparece constantemente, *moribus humanis* demonstram que o índio estava muito próximo ao comportamento dos animais ferozes do que aos padrões humanos conhecidos daquela época. No entanto, o mais importante neste fragmento é a ideia de que os indígenas só começaram a ser reconhecidos como verdadeiramente humanos depois que conheceram o Deus cristão. Desse modo, a ideia de transição comportamental de um ser ignorante a um ser conhecedor é explicitada. A mudança no comportamento do índio só é possível na medida em que o mal não tem existência em si mesmo, pois tudo o que existe é essencialmente bom. Logo, o mal é a privação no ser das coisas de alguma perfeição corrompida. O mal não pode destruir totalmente o bem presente nos seres, do contrário haveria o retorno ao nada. Enfim, o mal é simplesmente não ser, não conhecer, como visto em Agostinho.

vv. 1094-1.100

*"Coge illos intrare mei sacraria templi,
Vt mea diuersis repleatur gentibus aedes".
Ergo exempta fames, et sanguinolentus edendi
Pressus amor; cupidus liquit sitis improba fauces;
Primaque conctorum radix et causa malorum,
In laudes clarumque decus compressa cupido*

Hostibus a caesis noua sumere nomina honoris.

Força-os a entrar nos santuários de meu templo, para que minha casa se encha novamente de diversas gentes. Logo, a avidez foi expulsa e a paixão sangrenta de comer foi esmagada. A ímproba sede abandonou as ávidas goelas; a primeira raiz e a causa de todos os males, o desejo de tomar os novos nomes dos inimigos mortos para a ilustre decência e louvores da honra foi contido.

Como esse trabalho se propôs a demonstrar a utilização de dois campos semânticos advindos da crença religiosa cristã, este trecho enfatiza o que foi dito. Para a propagação do reino de cristo é necessária uma mudança imediata mesmo que pela força, isso pode ser notado pelo uso do verbo *cogo,-is,-ere,coegi,coactum* ligado a uma oração subordinada adverbial final introduzida por *ut*. Nota-se que a missão de Men de Sá deu frutos, já que nos versos seguintes Anchieta mostra a conclusão, o resultado dos atos gloriosos do governador. Assim, com a chegada dos cristãos na terra nova tudo de mal que havia ali em relação aos costumes indígenas foi erradicado, como pode ser visto não só pelo uso de vocábulos relacionados a um campo semântico negativo *fames,sanguinolentus, improba sitis,cupidas fauces*, mas também pelo uso dos verbos no pretérito perfeito nesses versos *eximo,-is,-ere,-emi,-emptum; premo,-is,-ere,pressi,pressum, linquo,-is,-ere,liqui e comprimo,-is,-ere,-pressi,-pressum*.

Além disso, fica claro para o poeta que se a vontade de guerrear e fazer atrocidades com o inimigo desaparecesse do intimo indígena, eles poderiam transformar o seu *status*, pois este fato era o principio de todos os males *Primaque conctorum radix et causa malorum*, porque o “mal” presente no índio surge quando o homem se deixa dominar pelas paixões, no caso do índio, a guerra.

vv. 1296-1.300

*a Incipit adspirare polo iuucunda uoluptas
b Defessos leni mulcens spiramine sensos,
c Oblectans animos dulcedine, pressa dolore
d Corda leuans, placidoque quies illabatur anno,
e Pectora continuis pressosque laboribus artus
f Agricolis recreans, fundens noua gaudia menti
g Spemque nouam, multo ne uicta labore fatiscat.
h Producunt pulchros iam nunc Brasillica flores
Arua, nec arenti mandantur semina arenae,
Sed fructus fecunda suos dat terra, labore
Culta iugi, quam latifluis rigat imbribus unda,
Diuinoque fouet caelestis Flamma calore.*

Uma jucunda alegria começa a soprar para o céu, a qual acalma os sentidos fatigados com uma amena brisa, agrada as almas com doçura, alivia os corações esmagados pela dor, uma tranquilidade se lança no apaziguado ano, que reanima os peitos e os membros cansados dos lavradores, e à mente leva nova esperança e novas alegrias, para que não se canse vencida pelo excessivo trabalho. Já agora a searas brasileiras produzem belas flores, e as sementes não são entregues a uma terra seca, mas a fecunda terra dá seus frutos, cultivada pelo inesgotável trabalho, a qual a água rega com generosas chuvas, e a chama celeste aquece com seu divino calor.

Este trecho conclui a transformação ocorrida no cenário brasileiro após a propagação da doutrina cristã. Pela primeira vez a terra brasileira experimenta algo bom, atente-se ao uso do verbo *incipio,-is,-ere,-cepi,-ceptum* conectado a *iuucunda uoluptas* e à seqüência de verbos no particípio presente, alguns com sentidos parecidos e pertencentes à uma esfera de suavidade que mostram essa mudança *mulceo,-es,-ere,mulsi,mulsum; oblecto,-as,-are,-aui,-atum; leuo,-as,-are,-aui,-atum; recreo,-as,-are,-aui,-atum; fundo,-is,-ere,fudi,fusum*. Depois desta série de participios, a narrativa apresenta uma oração subordinada adverbial final com o objetivo de explicitar que a alegria foi dada a esta terra e aos seus habitantes para que não desanimem em frente a tamanhos trabalhos.

O poeta quis enfatizar tanto a mudança de um estado de penúria para outro de riquezas que utilizou *iam nunc*. Os últimos versos demonstram que além da mudança no comportamento indígena, o bem de Deus é tão sublime que transformou o estado da própria natureza, a terra brasileira passou de infrutífera a frutífera, tem-se uma *terra fecunda* que antes era seca *arenti arenae* e que recebe água e calor divino, lembrando que o fogo é o símbolo da todo o mistério, o maravilhoso intocável, o qual assume e transforma em si próprio tudo o que toca. Assim, a doutrina cristã transposta para a obra comprova através dos elementos demonstrados (a vitória de Men de Sá sobre os índios, a mudança da imagem do

Brasil) que o poder divino pode transformar o mal em bem desde que seja com muito trabalho e fê, porque o mal é a privação, a corrupção da natureza, assim como se diz que o 'imperfeito' é simplesmente o que não é 'perfeito'.

Embora não haja dúvidas quanto ao enquadramento de sua epopeia no estilo clássico, *De gestis* apresenta elementos que não pertencem àquela cultura. Isso acontece porque Anchieta, como um jesuíta, vive em outra época e transporta para a sua escrita as suas crenças. Assim, essa obra apresenta elementos da antiguidade clássica, mas o seu teor é cristão.

De gestis narra os feitos de Men de Sá, em nome de Deus e como a compreensão de mundo dos cristãos é feita através de uma visão em que há o bem e o mal, o divino é representado pelo herói e o demoníaco pelos índios. Viu-se que os termos utilizados para caracterizar o índio (tamoio) remetem sempre aos impulsos animais e à irracionalidade. No entanto, em momento algum o inimigo é desprezado, pois o traço mais marcante da renascença é o humanismo.

O humanismo rompe com a visão teocêntrica e com a concepção filosófica-teológica medieval, valorizando o interesse pelo homem considerado em si mesmo. Trata-se de uma arte voltada para o homem, o homem comum, nesse sentido o indígena possui o seu interesse nesta ótica.

Como em todas as epopeias que cantam um herói ou um povo, até o livro II *De gestis* apresenta um vasto cenário de guerras. O fato de Anchieta ter utilizado os índios não pode ser visto como um defeito, já que o cenário se passa no Brasil. Todas as guerras tratadas no poema, tendo à frente o governador Mem de Sá, não foram só justas, mas também necessárias e forçadas, em defesa da urgência. Com a chegada de Men de Sá as injustiças que os índios sofriam foram erradicadas. Além disso, no *De gestis* tem-se a vitória de Cristo sobre o diabo através dos atos de Men de Sá.

Todas essas guerras foram necessárias porque, segundo Marcones (2001), a mensagem cristã não se dirige apenas a um povo escolhido, mas é universal, dirigida a todos os homens, pois todos foram criados à imagem e semelhança de Deus (Gênesis, I, 26). E esta é uma diferença básica em relação ao judaísmo e às demais religiões da época, todas elas são religiões de um povo ou de uma cultura, sem a pretensão de se difundir, de evangelizar ou converter outros povos.

Quanto ao período em que foi escrita é importante explicitar que as histórias da filosofia tradicionalmente não reconheciam no renascimento importância ou especificidade do ponto de vista filosófico, sendo apenas um período de transição entre a Idade Média e a Modernidade. Atualmente, entretanto, essa tendência tem mudado, e o Renascimento tem sido visto como detentor de uma identidade própria, desenvolvendo uma concepção específica de filosofia e do estilo de filosofar que, se rompe com a escolástica medieval, por outro lado não se confunde inteiramente com a filosofia moderna. Talvez o traço mais característico desse período seja o humanismo que chega inclusive a ter uma influência determinante no pensamento moderno.

Por fim, deixando de lado o valor histórico da obra e analisando mais o seu lado artístico, percebe-se que a sua construção é plenamente clássica. Entretanto, permanece a sua originalidade na medida em que para criar a sua epopeia Anchieta se utiliza de suas crenças cristãs, fazendo uso, principalmente, de antíteses e de seu profundo conhecimento do latim para "latinizar" os atos de colonização de Mem de Sá no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANCHIETA, Pe. José de. *De gestis Mendi de Saa*. São Paulo: Ed. Loyola, 1970.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. - 3 ed. - São Paulo: Cultrix, 1989.
- COUTINHO, G. N. *O Livre arbítrio e o Problema Mal em Santo Agostinho*. Revista de filosofia ARGUMENTOS, Ceará, Ano 2, N° 3, 2010.
- FARIA, E. *Dicionário Escolar Latino Português*. Rio de Janeiro: Ministério de educação e cultura, 1962.
- FERBER, Michael. *A dictionary of Literary Symbols*. 1ª ed. New York: Cambridge University Press, 1999.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- MARCONES, Danilo, *Iniciação à história da filosofia: Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 6ª Ed. RJ: Jorge Zahar editor, 2001.
- MARTIN, René. & GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Ed. Nathan, 1990.
- RAMALHO, A. DA C. *Estudos sobre o século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1943.
- _____. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Coimbra: INC, 1988.
- STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Trad. Celeste Ainda Galeão. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1975.
- TORRINHA, F. *dicionário latino-português*. ed:Porto, 1945.